

O sal e a selva

Felipe Luiz Gomes Figueira¹

Eu fotografei o êxodo de trabalhadores,
o extermínio de povos,
as situações mais miseráveis possíveis.
Eu deixei um pouco do meu conforto de lado
para morar junto aos Zoés
e comer o mumu em Papa Nova Guiné.

Ao longo das minhas peregrinações,
os ricos de todo mundo me disseram:
“E quanto a nós? Até quando tuas lentes nos desprezarão?”.
Miseráveis,
foram os países de Primeiro Mundo que eu sempre,
sempre registrei.
Eis a revelação:
nada do que vemos dentro de um supermercado
foi ali produzido.

Todo meu trabalho não chega a um segundo
se contado pelo tic-tac de um relógio.
Mas, num universo em verso mais importa
a qualidade, a dramática mocidade que,
apesar de tudo, nunca morre.
Não se autopropõe uma tese
para confirmá-la num cenário inverso.
Minhas três lentes tornam-se frequentemente uma dialética
onde desapareço entre as populações
e com meus poucos filmes esfacelo toda dialética
para reencontrar a essência.

Meu branco e negro,
meu branco contra o negro
é uma luz na contramão,
é uma tela que só quem se abaixa na pinguela
para o outro pisar pode colorir;
é um tiro contra uma caça
que eu só, só eu quero preservar.
Meu flash é a própria estética da flecha.

¹ Docente do Instituto Federal do Paraná, Campus Paranavaí. Doutor em Educação pela UNESP-Marília, pós-doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.